

Jogos teatrais na sala de aula. Um manual para o professor, de Viola Spolin

São Paulo, Perspectiva, 2007.

Maria Lúcia de Souza Barros Pupo

Jogos *Teatrais na sala de aula. Um manual para o professor*, de Viola Spolin (1906-1994), editado nos Estados Unidos em 1986, foi recentemente lançado entre nós pela Editora Perspectiva. Trata-se do derradeiro livro publicado pela autora, que, no Brasil se segue a outras traduções promovidas pela mesma editora: *Improvisação para o Teatro* (1979), *O Jogo Teatral no Livro do Diretor* (1999) e *Jogos Teatrais. O Fichário de Viola Spolin* (2001).

A abordagem pedagógica do teatro de autoria de Spolin está amplamente difundida no Brasil através de uma série de pesquisas acadêmicas, tanto de pós-graduação quanto no âmbito da graduação, levadas a efeito dentro da própria Escola de Comunicações e Artes da USP, assim como pela via de inúmeros cursos de formação inicial e contínua de docentes e de artistas da cena, ministrados nos mais diferentes contextos, ao longo das últimas décadas.

Já conhecemos portanto a natureza do sistema formulado pela autora a partir, entre outras fontes, de sua atuação junto a instituições americanas voltadas para a integração de filhos de imigrantes e crianças em situação de vulnerabilidade social. A operacionalização lúdica dos princípios inerentes ao método das

ações físicas de Stanislavski por ela efetuada, – historicamente ligada às realizações de importantes grupos americanos dos anos 60, como o *Open Theatre* e *The Compass Players* – continua hoje dando frutos em diferentes países, dentro de campos de atuação variada, vinculados tanto à experimentação teatral, quanto à educação formal e informal.

Mediante a depuração da percepção sensorial, os jogos teatrais – na contramão da ênfase na inventividade, interpretação ou dramaturgia – procuram promover a experiência do acordo tácito coletivo. Neles, a fábula não é ponto de partida, mas decorrência da ação e a “fiscalização” de objetos, lugares, emoções – eixos da aprendizagem teatral – está sempre vinculada à escuta cuidadosa do companheiro. Ao entrar em relação com o parceiro de jogo e com ele construir fisicamente uma ficção partilhada com os jogadores da platéia, aprende-se como se dá a significação no teatro. “Sem parceiro não há jogo”, a máxima recorrente da autora, ilustra bem o caminho proposto. De modo coerente com a premissa do “learning by doing”, o professor não é chamado a explicar ou demonstrar, mas sim a favorecer a auto-descoberta.

Transparece no livro sobre o qual nos detemos, a depuração dos fundamentos da pro-

Maria Lúcia de Souza Barros Pupo é professora do Departamento de Artes Cênicas e do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da ECA-USP.

posta de Spolin em seus últimos anos de vida; ela explícita, por exemplo, que parte da “aceitação do invisível como uma premissa para a conexão entre os jogadores e a platéia”, e que “essa conexão é a comunicação ‘real’”. Voltada para o “educador que trabalha com teatro e professores que desejam introduzir atividades de teatro em sua sala de aula”, a publicação apresenta modalidades lúdicas inéditas e traz para o primeiro plano dois temas relevantes, que descortinam perspectivas de atuação férteis para o docente.

O primeiro deles é a vinculação entre os jogos tradicionais – cercados por regras que fazem parte do legado cultural da humanidade – e os jogos teatrais. Embora ela já aparecesse nos livros anteriores e pudesse portanto ser objeto do exame de um leitor atento, há agora um fato novo. Ingrid Koudela, responsável pela tradução do conjunto da obra de Spolin no Brasil, vai aqui bem além da transposição do texto para a nossa língua e passa a contribuir diretamente para a discussão do assunto, trazendo à tona uma série de jogos tradicionais brasileiros que alimentam a formulação da autora. A inclusão de jogos tradicionais tão familiares em nossa cultura como “Passa-passa três vezes”, “Senhora Dona Sancha” ou “Batatinha Frita”, acrescida de fotografias relativas a situações de aprendizagem em nosso país, amplia e sublinha de modo particular a vinculação apontada. Se o fato de os jogos teatrais terem suas bases solidamente edificadas sobre o jogo tradicional de regras, consistiu uma razão forte para que pesquisadores brasileiros se dispusessem a examiná-los de perto, agora os frutos da investigação, tornados públicos, dialogam de modo estreito com os princípios da própria Spolin. Patrimônio de todas as culturas, em diferentes tempos históricos, os jogos tradicionais, em seu caráter transcultural efetivamente trazem dentro de si vetores que possibilitam a apropriação da linguagem teatral por pessoas das mais variadas origens e contextos.

Um segundo tema tratado no livro também aponta em que ele se diferencia dos prece-

dentos: estamos nos referindo às correlações sugeridas com outras áreas de conhecimento. Muitos dos jogos propostos originam remessas da atora e da tradutora a possíveis conexões com outros campos do saber que venham a enriquecer a visão de mundo do estudante. Algumas delas inclusive, na esteira da observação anterior, dizem respeito diretamente a situações brasileiras. É o caso quando, a partir de jogos designados como de *blablação*, se salienta a comunicação entre colonizadores portugueses e indígenas, ou quando se traz à tona a diferença entre os ambientes de trabalho utilizados por Getúlio Vargas e os do Palácio do Planalto, por exemplo. Em alguns casos as remessas dizem respeito à história do próprio teatro, como ocorre quando se procura ressaltar a relevância dos jogos vinculados à criação de narrativas: salienta-se o legado de Homero e se traz à tona a *Commedia dell'Arte*, por exemplo. Pistas são portanto lançadas para que os docentes enfrentem seu desafio sempre renovado: proporcionar condições para o enriquecimento do sentido que a experiência teatral possa ter para as jovens gerações, de modo a colocar em xeque a tradicional segmentação escolar do conhecimento.

A apresentação de diferentes índices e listagens, organizados segundo diferentes entradas – ordem alfabética, seqüências de oficinas mesclando jogos tradicionais e teatrais, habilidades agrupadas por natureza e por grau de desenvolvimento – assim como uma ampla bibliografia comentada e um glossário, contribuem para o estabelecimento de outros trajetos possíveis de leitura, cuja utilidade pode ser facilmente estimada.

Escrito e publicado com inegável intenção didática, *Jogos Teatrais na sala de aula* certamente descortina para o leitor um amplo universo de aprendizagens e de construção de significados a serem experimentados em nosso sistema escolar, se quisermos contribuir para uma formação mais rica de nossos jovens.

Não sejamos, no entanto, ingênuos no que concerne o termo “manual” presente no subtítulo. O maior interesse dessa publicação

não reside, como poderia parecer à primeira vista, em sua aparência de receituário de atuação para eventuais docentes em busca de projetos ou de metodologias tidas como confiáveis.

De modo mais abrangente e menos doutrinário, seu mérito reside em apontar perspectivas para o fazer teatral numa ótica lúdica, no âmbito das contradições inerentes à instituição

escolar. Para tanto, mais do que possibilitar “seguir um manual”, o interesse da sua leitura se situa em extrair da obra princípios de trabalho que fundamentem a intervenção docente, auxiliando-o na tarefa de refletir mais verticalmente sobre os significados das aprendizagens proporcionadas pelo teatro hoje, no quadro das transformações que o dinamizam sem cessar.

